

Capítulo II  
AS MULHERES E A TEOLOGIA



Imagem cedida por Irmã Ana Graça

**“Os homens têm controlado tanto a teologia quanto o ministério, e a história de Deus que eles tem contado é a que também queriam ouvir, como sendo a que os mantinha no poder”.**

Sandra M. Schneideris

---

## 2.1 A Teologia Feminista e a hermenêutica da suspeita

Devido às mudanças advindas no campo social, cultural e político, no tocante a questão da mulher, essas influenciadas principalmente pelos MF e movimentos de mulheres, a Igreja Católica não pôde manter a concepção da subordinação feminina, depois da segunda metade do século XX, como fazia em documentos até o período. Porém, da mudança do vocabulário a questões práticas, se percebe um grande abismo. Ainda hoje, para a Igreja existe a mulher e não as mulheres, para demarcar as diferenças entre elas. Uma linguagem inclusiva não é permitida na liturgia, ou seja, nas missas e em outros cultos católicos. Deus, como salientado anteriormente, só é mencionado no masculino, as mulheres quando se destacam começam a incomodar por estarem assumindo uma postura tida como masculina, o conceito de gênero é criticado e a instituição ainda insiste nas diferenças biológicas entre mulheres e homens:

(...) Uma tal antropologia, que entendia favorecer perspectivas igualitárias para a mulher, libertando-a de todo o determinismo biológico, acabou de fato por inspirar ideologias que promovem, por exemplo, o questionamento da família (...)  
Perante tais correntes de pensamento, a Igreja, iluminada pela fé em Jesus Cristo, fala ao invés de colaboração ativa, precisamente no reconhecimento da própria diferença entre homem e mulher (RATZINGER, 2004, pp. 7-8).

Diante da permanência em não modificar ou pouco modificar a visão da mulher e no bojo das transformações ocorridas também no campo teológico, surgiu a Teologia Feminista em combate ao patriarcado na Igreja e na sociedade. No decorrer da história do cristianismo, assim como em toda história humana, existiram mulheres que reivindicaram os direitos femininos; um exemplo, foi Sórora Juana Inês de la Cruz.

Juana nasceu em 12 de novembro de 1651 e faleceu no ano de 1695. Sua mãe, uma natural da Nova Espanha, se chamava Isabel Ramirez de Cantillana e o pai que pouco conheceu era um militar espanhol, Pedro Manuel de Asbaje Y Vargas. Um dos seus considerados estudiosos, o poeta, ensaísta e crítico mexicano, Octávio Paz, afirma que a curiosidade intelectual marcou a vida dessa mulher desde muito cedo.

Aos três anos teve as suas primeiras aulas com a professora da sua irmã mais velha, entre os seis e sete anos já sabia ler e escrever e solicitou a sua mãe que a deixasse entrar na universidade vestida de homem. Do avô que faleceu, quando tinha oito anos, Juana herdou o gosto pela biblioteca, espaço que marcou a vida desta mulher.

Entre os oito e dezesseis anos, Juana morou com a tia e o marido na Cidade do México. Nesse período aprendeu o latim em nove aulas; quando não conseguia entender uma lição no tempo que si propunha, a menina cortava os próprios cabelos. Depois foi dama da

Vice-rainha, D. Leonor, até que, aos dezenove anos, fez uma experiência no convento das Carmelitas Descalças, que não deu certo; Octávio Paz atribuiu à rigidez da ordem que não disponibilizava o tempo desejado para seus estudos ao fracasso da experiência. Aos vinte um anos, ela vestiu hábito no Convento de San Jerônimo, que recebia exclusivamente as crioulas e onde outras mulheres de sua família já haviam feito o mesmo.

Portanto, sem pai, nome ou dote, não restou outra saída a Juana, na visão de Paz. A Igreja ou a universidade seriam as únicas portas entreabertas ao conhecimento para as mulheres de sua época. A religiosa ficava, às vezes, por trinta dias em produção teológica e literária intensa em sua cela, sendo que esse pôde ter sido um espaço todo seu, como analisa Virginia Wolf em *A Room of One's Own*, um livro de 1931, onde a autora afirma que tendo as condições necessárias, uma mulher pode produzir tanto e tão bem quanto um homem, Juana provou isso séculos antes.

Na Nova Espanha, onde a cultura era douta e para doutos de acesso a uma minoria, onde a literatura foi escrita por homens e, geralmente, por eles lida, “é realmente extraordinário que o escritor mais importante da Nova Espanha tenha sido uma mulher: Sórora Juana Inês da la Cruz” (PAZ, 1998, p. 74).

Chama atenção o fato do Vice-rei de Mancera ter preparado um exame para testar a capacidade intelectual da jovem quando ela era dama de companhia de sua esposa, pois não era esperado tanto saber numa mulher, era necessário, então, um teste para verificar tal veracidade. Ele convidou quarenta doutores de todas as ciências da época para inquirir Juana, segundo o relato do Padre Calleja, e concluiu que ela se saiu bem diante de todos:

Se defendia de alguns barquinhos que sobre ela investiram, assim se desembaraçava Juana Inês das perguntas, argumentos e réplicas que tantos, cada um em sua classe, lhe propuseram. Que estudo, que entendimento, discurso e memória seria mister para isso? (PAZ, 1998, p. 149).

Apaixonada pelo saber, como sublinha Paz frequentemente em sua obra, Juana contou com cerca de quatro mil livros em sua biblioteca que ficava em sua cela, recebeu visitas de diversos intelectuais da época, inclusive do novo Vice-rei e sua mulher Maria Luisa. Sua obra é composta de peças de teatro, comédias, poesias, sendo também de cunho erótico, assim como teológico.

De una mujer se convencen  
 todos los sábios de Egipto,  
 para prueba de que el sexo  
 no es esencia en lo entendido.  
 !Victor, Victor!  
 Prodígio fué, y aun milagro;  
 pero no estuvo em prodígio  
 em vencerlos, sino em que  
 Ellos se den por vencidos.

!Victor, Victor!<sup>31</sup>

Em 1690, Juana escreveu uma carta onde teceu críticas às concepções teológicas presentes em um sermão do Pe. Antonio Vieira, realizado cerca de trinta e cinco anos antes. O bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, não só publicou o texto com o nome de *Carta Atenagórica*, como fez o comentário de que Juana deveria se dedicar mais a assuntos religiosos, assumindo assim uma postura ambígua entre o elogio e a crítica a religiosa. Discordar do grande teólogo jesuíta Antonio Vieira foi demais para uma mulher setecentista. Uma questão a intrigar hoje é: Porque as poesias eróticas da religiosa não incomodaram tanto quanto a sua análise teológica?

Um ano depois, devido as repercussões, Juana redigiu um novo texto *A Respuesta*, ao bispo de Puebla, mas dedicado a Irmã Filotéia da Cruz, pois uma mulher, na época, não podia escrever a um homem. Nesta carta, a religiosa afirmou que tudo que escreveu antes foi para cumprir ordens, que não tinha como desobedecer. Não se pode perder de vista que no contexto em que Juana viveu, a Inquisição impunha seus limites a todos, principalmente a uma mulher. A punição da religiosa pelo Santo Ofício foi a renúncia ao seu trabalho intelectual, a desfazer-se de sua biblioteca e passar as noites em penitência e disciplinas. O castigo foi cruel para uma mulher que desejou primeiramente o conhecimento e não só para si:

Grande y verdadera novedad histórica y política, pide la educación universal para las mujeres, impartida por ancianas letradas en las casas o em instituciones creadas con este fin. (...) Ni lo bispo ni los otros prelados comentaron jamás esta idea: les pareció soberbia y rebelión<sup>32</sup>.

Juana nesta pesquisa é mais que uma introdução a um capítulo dedicado as mulheres na teologia, é fazer justiça à primeira teóloga da América, a que as pesquisas, como a de Beatriz Melano Couch, tem apontado como tal. Da Igreja Prebisteriana surgiram outras vozes a protestar contra as desigualdades entre homens e mulheres: Elisabeth Cady Stanton, em

---

<sup>31</sup> De uma mulher se convencem  
 todos os sábios do egipto,  
 para prova de que o sexo  
 não é essência no entendimento  
 !Victor, Victor!  
 Prodígio foi, e ainda milagre  
 porém não esteve em prodígio  
 em vence-los senão em que  
 Eles se dêem por vencidos.  
 ¡Victor, Victor!

Cf. Sor Juana Inês de La Cruz, cantando o triunfo de Catarina de Alexandria sobre os filósofos, México, século XVI. In: Cadernos CDD – Br, Palavras de mulheres, p. 23.

<sup>32</sup> Grande e verdadeira novidade histórica e política, pede a educação universal para as mulheres realizadas por idosos letrados nas casas ou em instituições criadas com este fim. (...) Nem o bispo nem outros prelados jamais comentaram está idéia: lhes pareceu soberba e rebelião. Cf. PAZ, Sórór Juana Inês de la Cruz, pp. 628-629.

1890, em parceria com outras mulheres modificou e reinterpretou as tradições antifeministas da Bíblia escrevendo a *Woman's Bible*<sup>33</sup>. Ainda hoje, não traduzida para o português.

No fim do século passado, um grupo de mulheres cristãs norte-americanas, guiadas por Elisabeth Stanton reuniam-se periodicamente para examinar todas as passagens da Bíblia referentes a mulher, a fim de relê-las e interpretá-las à luz da nova consciência que a mulher tinha de si mesma (GIBELINI, 1992, p. 73).

A obra de Stanton e suas companheiras foi considerada um escândalo no meio protestante norte-americano, e a Bíblia da mulher hoje é considerada o primeiro marco do feminismo na religião cristã. Como todo processo, esse também foi descontínuo, em 1911, se deu a fundação da Aliança Internacional Joana d'Arc, na Grã Bretanha, entre as católicas, para assegurar a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

As associadas da Aliança usavam como lema de reconhecimento a fórmula: "Pedi a Deus: Ela vos ouvirá!" O uso polêmico do feminismo "Ela" a propósito de Deus sublinhava que Deus não é nem masculino nem feminino, mas está além das diferenciações sexuais, relativizando assim, pelo menos no plano lingüístico, o predomínio do gênero masculino (GIBELINI, 1992, p. 74).

Daí, a importância em influir que o movimento de mulheres e o MF influenciaram as religiosas, as mulheres da Igreja católica ou protestante nas suas concepções teológicas e, como as mulheres já faziam teologia, era necessário um fazer teológico que as contemplassem. Nos anos setenta, surgiu a Teologia Feminista em harmonia com o MF, enquanto projeto. Em 1954 foi formulada a proposta, no clima de um ano mariano em que se celebrou o centenário do dogma<sup>34</sup> da Imaculada Conceição, de uma teologia da mulher por clérigos da própria Igreja Católica, e foi elaborada na sua maioria por teólogos, homens que repetiram o androcentrismo da Teologia tradicional. Assim como não bastou acrescentar as mulheres na História, o mesmo aconteceu na Teologia, sem mudanças estruturais nas ciências, os esquemas da cultura patriarcal permanecem.

Porque a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres, o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir, profundas mudança estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência. Não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito num empreendimento que em suas origens foi estruturado para excluí-las (SCHIENBINGER, 2001, p. 37).

Apesar de ser crítica a Teologia da Mulher, até mesmo por poder gerar em contraponto uma teologia de homens, como se a tradicional sempre não tivesse sido, a TF surgiu como reação às mudanças ocorridas no campo teológico com as Teologias: do processo, da

<sup>33</sup> Cf. DICIONÁRIO de Teologia Feminista, 1997, p. 503.

<sup>34</sup> Do grego dokeo, parecer, pensar, crer. Verdade da fé, contida na Revelação, proposta na e pela Igreja, quer pelo ensino do magistério ordinário e universal (dogma de fé), quer pelo magistério extraordinário (dogma de fé definido).

esperança e a da libertação, reivindicando que apesar das novas vertentes teológicas serem positivas ao contemplar os oprimidos, os negros e os pobres, as experiências das mulheres não estavam sendo tratadas como questões prioritárias, quando não, raras vezes eram esquecidas ou homogeneizadas.

A teologia feminista não é, pois, uma nova versão revista e corrigida, da teologia da mulher, porque tem sua origem numa situação cultural e eclesial diferente e trabalha com uma metodologia baseada numa nova relação entre teoria e prática. Também não se pode falar de uma “teologia feminina” (...), expressão que aliás não é usada, e que, se fosse usada, serviria apenas para perpetuar estereótipos; que a teologia feminista procura pelo contrário demolir (...) (GIBELLINI, 1992, p. 81).

No campo da ação, o principal compromisso da TF é a militância nos movimentos de emancipação da mulher. As pioneiras do Feminismo, enquanto movimento, na religião são as teólogas Elisabeth Fiorenza, Rosemary Huether e Mary Daly. Fiorenza (1992, p. 20) denomina a TF como “teologia crítica da libertação” para ressaltar os campos de atuação teológica feminista, a crítica à Igreja e à sociedade no combate a discriminação da mulher e a militância nos movimentos sociais de libertação das mulheres. Outro ponto em comum com o feminismo é que a TF também é diversificada, podendo-se da mesma forma falar em Teologias Feministas.

A primeira corrente teológica feminista encontra-se no interior da tradição bíblico-cristã e tem entre seus expoentes Rosemary Ruether e Elisabeth Fiorenza. Essas teólogas fazem uma crítica às estruturas patriarcais presentes tanto no judaísmo, tanto quanto às doutrinas e ensinamentos das Igrejas, desconstruem e propõem novas leituras numa ótica feminista:

Não há dúvidas de que o patriarcado constitui o contexto social tanto do Antigo quanto do Novo Testamento e de que esse contexto social foi incorporado na ideologia religiosa em muito níveis. Não obstante, ambos os Testamentos contêm subsídios para a crítica do patriarcado e de sua santificação religiosa. Esclarecemos desde o início que o feminismo não deve usar os princípios proféticos críticos presentes na religião bíblica para pedir desculpas pela ideologia patriarcal ou para encobri-la (RUETHER, 1993, p. 26).

A princípio, as teólogas feministas acreditavam ser necessário reescrever a Bíblia, e o fizeram em uma primeira fase; hoje, algumas delas desistiram das escrituras, pois é possível perceber que Deus está ao lado dos pobres ao adotar tal prática. Mas é difícil ou até impossível, para muitas teólogas acreditarem que Ele está ao lado das mulheres, pois os escritos bíblicos favorecem apenas ao patriarcado, como afirmam algumas delas.

A segunda corrente rompeu com essa tradição e atua em um espaço considerado mais aberto, pós-cristão. Essas teólogas feministas acreditam que não é possível fazer teologia nesta perspectiva, dentro de um mundo judaico-cristão. Casos de Mary Daly, a partir de

*Beyond God the Father* (1973) e Peggy Ann Way, que teorizou “a autoridade da possibilidade”.

Estou contente por não encontrar mais nenhuma segurança na Bíblia, na história, nos mitos e nas estruturas (...). Uma parte da autoridade do meu ofício está na possibilidade de libertar a Deus do abuso, que o liga a uma hermenêutica masculina, à história ou à estrutura gramatical (GIBELLINI, 1992, p. 83).

Teólogas como Ruether (1993, pp. 38-39) afirma que as categorias básicas da teologia cristã continuam no inconsciente das teólogas que romperem com o paradigma cristão e o defendem devido à sua estrutura poderosa e formativa. A Bíblia ainda é um instrumento de formação na vida das pessoas, até mesmo das não religiosas, sendo melhor desconstruir sua simbologia que alimentar a dominação da mulher e salientar seus subsídios positivos, na visão dessa autora.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Huether, Fiorenza respeita a liberdade das pós-cristãs, mas defende uma nova hermenêutica <sup>35</sup> bíblica e alerta que mesmo as teólogas feministas mudando de denominação religiosa ou deixando de pertencer a qualquer religião, não devem desistir do direito à “autoridade espiritual”: “A espiritualidade feminista proclama a integridade, o amor que cura e o poder espiritual, não como algo hierárquico, poder sobre, mas como poder para, poder que habita” (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 111) e Ivone Gebara, não vê possibilidade de rompimento com a cultura cristã, principalmente na AL:

Eu acho que as rupturas com a Bíblia, com o mundo judaico-cristão são muito difíceis, mais que a pertença a uma instituição, nós pertencemos a uma cultura extremamente marcada pelos valores do cristianismo. Então acho que quando Mary Daly fala de superação da religião bíblica ela está se referindo a uma superação do cristianismo patriarcal e para algumas pessoas e alguns grupos a ruptura com o cristianismo patriarcal pode levar a uma espécie de rejeição da tradição bíblica. A única coisa que eu insisto é que você pode rejeitar a tradição institucional, mas você não tem como fugir, sobretudo na América Latina da cultura cristã, a não ser que você viva em um gueto (...).

---

<sup>35</sup> Hermenêutica é a ciência que se ocupa com a explicação e a interpretação de escritos, textos, declarações, relatórios. A razão de ser desta ciência consiste no fato de que entre a criação do texto e a/o interprete existe uma tensão temporal e espacial, além do mais complicada por um horizonte de compreensão diferente. Cf. Dicionário de Teologia Feminista, p. 210.

A própria Daly<sup>36</sup> acredita que o caminho espiritual que as mulheres percorreram deve estar aberto a Deus, a diferença é que o divino não é mais definido numa linguagem patriarcal, ao abandonar o espaço sexista da Igreja, as mulheres experimentam um espaço novo de “Deus Verbo”, numa liga chamada de sororidade<sup>37</sup>, ou seja, uma nova irmandade de solidariedade, amizade e interdependência entre as mulheres.

As propostas de Daly são de uma linguagem ginocêntrica em oposição a linguagem andromórfica, nela as mulheres devem construir ginocentricamente um mundo lésbico em oposição ao mundo patriarcal; tais posições a situa numa filosofia do feminismo radical. As teólogas que se apóiam no feminismo radical acentuam as diferenças entre homens e mulheres, afirmam a feminilidade espiritual e ressaltam características como intuição, altruísmo, sensibilidade, pureza moral e sexual.

Enquanto as liberais acreditam em reformas nas instituições religiosas, as radicais negam essa possibilidade, pois a natureza masculina não tem conversão, mesmo que algumas acreditem que os homens enquanto pessoas podem ser diferentes das instituições masculinas (RUETHER, 1993, p. 95). Daí afirmarem que a esperança estaria em uma sociedade e religião só de mulheres.

Outra corrente da TF é intitulada de “Religião da Deusa”. Elisabeth Gould Davis, autora de *The First Sex* (1971), baseou-se na obra do historiador das culturas Bachofen<sup>38</sup>, que descreve um estágio anterior da humanidade, onde predominou o matriarcado até chegar ao patriarcado, dentro de uma visão evolucionista. Para defender o culto à Deusa, afastando-se dessa concepção evolucionista, ela e outras teólogas propõem a espiritualidade da deusa, a retomada de símbolos religiosos matriarcais.

Historicamente, a Arqueologia comprova a existência de tais símbolos femininos, escritos, pinturas, e outros confirmam a existência de um culto às deusas na antiguidade que sobreviveu até a era clássica da Grécia e de Roma, e foi suprimido quando o cristianismo se institucionalizou. Traços subjacentes femininos se encontram no contexto bíblico, do AT, para definir Deus como materno, a sabedoria, afirma o *Dicionário teológico o Deus cristão* da Igreja:

(...) termo vigente em pleno monoteísmo javista, é o Sabedoria (HOKMÁ), hipóstase da função criadora e reveladora de Deus que, como tal, aparece em inúmeros lugares (Jô 12, 27-28; Br 3, 9-4; Pr 8, 23-31; Eclo 14, 20-27; Sb 7, 12-27 e 9, 4). Vestígios de uma divindade feminina podem ter influenciado na formação desta imagem, que perdura no Logos neotestamentário (DICIONÁRIO Teológico o Deus Cristão, 1998, p. 219).

<sup>36</sup> convém pontuar que a teóloga foi freira.

<sup>37</sup> A palavra “sororidade” veio a surgir só na época atual paralela a fraternidade, ela deriva de sóror irmã.



A proposta de um culto à Deusa, por essa corrente feminista, se baseia no combate aos efeitos psicológicos trazidos por uma representação masculina de Deus, que confirma o poder do homem; o símbolo da Deusa dignifica o corpo e a beleza de ser mulher, ao contrário da relação mal e pecado estabelecida pela religião patriarcal, onde a mulher é tida como um ser passivo.

Na Religião da Deusa, ela é autora da vida, é energia vital; além da sua representação servir para irmanar as mulheres. Essa corrente abarca o movimento Wicca, das bruxas, a arte das mulheres sábias, que tem o domínio sobre o poder das ervas (GIBELLINI, 1992, p. 86); e condena o fato da divindade ter sido construída como pai e senhor pelo mundo judaico-cristão legitimando o patriarcalismo como forma de construir e manter o poder do homem. O que também pode ser atribuído à forma eficaz da Igreja Católica é manter certos valores como masculino e condenar o sacramento da ordem para as mulheres.

Por outro lado, a religião da Deusa também sofre restrições das próprias teólogas feministas. Assim como o feminismo, a TF é autocrítica; Ruether (1993, p. 50) analisa que a Deusa e o Deus são equivalentes e não complementares, e o cuidado que deve ser adotado para não incorrer no reverso da religião patriarcal:

Na atual reação feminista à religião patriarcal, discute-se muito o reavivamento da Deusa da Antiguidade, como manifestação alternativa do divino. Entretanto, tanto as pessoas que se apropriam dessa idéia quanto aquelas que se opõem a ela muitas vezes projetam incorretamente dualismos modernos sobre a Deusa antiga. Os dualismos de natureza/ civilização, sexualidade/ espiritualidade, nutrição/ dominação, imanência/ transcendência, feminilidade/ masculinidade são tomados como certos, e a Deusa é aceita ou repudiada como representante da natureza, sexualidade, nutrição, imanência e do feminino.

Tanto a segunda quanto a terceira corrente do feminismo são consideradas como movimentos pós-cristãos, pois romperam com o cristianismo, de um feminismo espiritual do que parte da TF propriamente dita. Enquanto teologia, a TF não vê possibilidade de atuação fora do espaço cristão e prefere oferecer uma contribuição crítica a teologia tradicional. Daí que, ao utilizar o termo teólogas e teólogos feministas, nesta pesquisa, está se referindo a primeira corrente.

As teóricas feministas e teólogas, em um diálogo com a contemporaneidade, buscaram encontrar novos caminhos. Ao inserir a mulher no pastorado e no sacerdócio, os problemas referentes às desigualdades não foram resolvidos nas Igrejas. Assim como, ao reforçar o lado feminino da humanidade como o bom, incorreram nos mesmos erros do patriarcado, pois ao naturalizar certas características como femininas, criam uma base biológica, para justificar as assimetrias de gênero.

De maneira cada vez mais intensa, gênero passou a ser um estudo não só sobre as mulheres, para essas teólogas e teólogos. É uma questão que atinge também aos homens, pois busca explicitar os papéis que culturalmente foram atribuídos ao ser macho ou fêmea. Não há como falar de mulheres sem mencionar imediatamente os homens, uma vez que, enquanto categorias socialmente construídas, elas constituem-se mutuamente.

Na TF, essa discussão também gira em torno da visão de sexo como característica apenas biológica. O aprendido sobre ser homem ou ser mulher não pode dentro desta perspectiva, ser tido como algo natural, as relações sociais são marcadas pelo gênero e propõem uma nova maneira de ser humano: justo e igualitário.

O ponto de partida da reflexão teológica feminista é a experiência das mulheres, incluindo as experiências de fé; mas são variadas as propostas metodológicas. Em comum pode ser citada a hermenêutica da suspeita, dentro de um método de construção e desconstrução. A consciência da mulher de sua exclusão da história e da literatura, assim como no fazer teológico, leva a crítica dos textos patriarcais e propõe uma revisão dos mesmos:

Re-visão – o ato de olhar para trás, de ver com novos olhos, de entrar em um texto de uma nova direção – isto para as mulheres é mais do que um capítulo na história cultural: é um ato de sobrevivência.

Através da re-visão, a teologia feminista questiona a autoridade de um corpo literário como a Bíblia. Questiona, primeiramente, o silêncio sobre as mulheres e as suas contribuições à memória do povo de Deus (DEIFELT, p. 178)

Ao questionar os textos, as mulheres entendem que eles foram utilizados como mecanismo de controle, que são empregados em discursos normativos e moralistas pela sociedade ocidental, marcadamente masculina, branca e poderosa. A hermenêutica feminista está relacionada com a TF e os diversos movimentos de mulheres, portanto, indiscutivelmente crítica.

Stanton e suas companheiras ao escrever a Bíblia da Mulher, partiram de pressupostos ainda hoje utilizados na hermenêutica feminista, tais como desabonar, a Bíblia como a revelação, como palavra de Deus; se a escritura diz, então, é verdade. Para Fiorenza esse modelo desacreditado pelas feministas, de abordagem doutrinal, é atemporal e ahistórico, é como se a Bíblia tivesse respostas para todas as questões e de todos os tempos.

Outro modelo criticado pelas teólogas feministas é o da exegese histórica positivista, que faz uma leitura factual, objetiva e livre de valores de acordo com a compreensão racionalista das ciências exatas. Ao contrário, a Bíblia é marcada pelo androcentrismo, retrato de uma dominação patriarcal.

Da interpretação hermenêutica do diálogo, a hermenêutica feminista se aproxima mais, pois se apóia na interação entre o texto e a comunidade, ou o texto e seu intérprete, e confirmam a posição de que os textos bíblicos são respostas a situações concretas. Como se define enquanto uma teologia crítica da libertação, utiliza o modelo de interpretação das variadas teologias da libertação, que se contrapõem à neutralidade e objetividade da teologia acadêmica. A intuição básica de todas as teologias da libertação, incluindo a teologia feminista, é o reconhecimento de que toda teologia quer queira quer não, é, por definição, comprometida em favor ou contra os oprimidos (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1992, p. 29).

A proposta feminista é, então, construir sua própria integridade teológica, sem desistir da Bíblia, pois ainda é utilizada como elemento de subordinação feminina; portanto não deve ser ignorada; entre as (os) fiéis da Bíblia como palavra de Deus, a sua maioria são mulheres, sendo necessário a desconstrução da autoridade que dessa crença advém. Assim como não foi suficiente as mudanças nas leis para resolver todas as desigualdades de gênero, é preciso, portanto, reformar a Bíblia devido ao seu grande impacto político; mesmo que para isso, mais uma vez, as mulheres sejam acusadas de pacto com o diabo, como ocorreu com Stanton e suas companheiras no fim do século XIX, mas como cita Fiorenza (1995, p. 21), rebateram a crítica de maneira mordaz:

É um grave erro. Sua majestade Satânica não haveria de querer juntar-se à Comissão de Revisão que é constituída somente de mulheres. De mais a mais, esteve tão ocupado nestes últimos anos, participando de sínodos, assembléias e conferências gerais, para evitar o reconhecimento das representações das mulheres, que não teve tempo para estudar as línguas e a “crítica do mais alto nível”.

A TF apesar de não ter rompido com o mundo judaico-cristão, ao utilizar o método da Re-visão, é bastante contundente, e ao condenar alguns textos da Bíblia, as teólogas não pretendem desculpar ou encobrir a ideologia patriarcal presente nos mesmos:

É idolatria transformar os homens em mais “semelhante a Deus” do que as mulheres. É blasfêmia usar a imagem e o nome do Sagrado para justificar a dominação e as leis patriarcais. As leituras feministas da Bíblia podem discernir dentro da fé bíblica uma norma pela qual os próprios textos bíblicos são considerados autoritativos na medida em que refletem esse princípio normativo. Com base nisto, muitos aspectos da Bíblia devem ser francamente postos de lado e rejeitados (RUETHER, 1993, p. 27).

Daí a necessidade de modificar a Bíblia e a Teologia Tradicional, combatendo seus alicerces sexistas, caso contrário, não ocorrerá mudanças nas estruturas patriarcais da Igreja. Uma forma de resolver a questão é apoiar e apostar na pesquisa teológica para as mulheres, um desejo de teólogas como Fiorenza (1995, p. 33) que acreditam ser possível a renovação da instituição.

Em 1993, a Pontifícia Comissão Bíblica elaborou um documento, onde analisa as hermenêuticas presente nas diversificadas maneira de fazer teologia, e apresenta a posição da Igreja sobre as mesmas. No que diz respeito a TF, o documento faz um breve histórico para situar essa teologia, explica sua metodologia, para, depois, tecer a crítica de que:

A hermenêutica feminista não elaborou um método novo. Ela se serve dos métodos correntes em exegese, especialmente o método histórico-crítico. Mas ela acrescenta dois critérios de investigação.

O primeiro é o critério feminista, tomado do movimento de libertação da mulher, na linha do movimento mais geral da teologia da libertação. Ele utiliza uma hermenêutica da suspeita: tendo a história sido regularmente escrita pelos vencedores, para encontrar a verdade não se deve confiar nos textos, mas procurar neles indícios que revelem outra coisa.

O segundo critério é sociológico; ele se baseia no estudo das sociedades dos tempos bíblicos, de sua estratificação social e da posição que a mulher ocupava (DOCUMENTO A interpretação da Bíblia na Igreja, 1994, pp. 79-80).

Em resposta ao que as feministas discordam, o documento defende que: o Deus da Bíblia não é fruto de uma mentalidade patriarcal; o poder não é dominação, é evangélico, é serviço (DOCUMENTO A interpretação da Bíblia na Igreja, 1994, p. 81). Quando elogia, mais uma vez, naturaliza as relações de gênero: “A sensibilidade feminina leva a revelar e a corrigir certas interpretações correntes, que eram tendenciosas e visavam justificar a dominação do homem sobre a mulher” (DOCUMENTO A interpretação da Bíblia na Igreja, 1994, p. 81).

Para a Igreja, a TF é “tendenciosa” e “contestável” devido as interpretações preconcebidas feitas ao texto bíblico, mesmo afirmando que essa proporcionou “contribuições positivas” (Ibid, p. 81) com sua exegese feminista, ou seja, percebeu a presença, o significado e o papel da mulher na Bíblia. Ela é elogiada por combater interpretações tendenciosas sobre a mulher, ao mesmo tempo em que, é tendenciosa por preferir textos que não são inspirados, não são canônicos<sup>39</sup>. Contradição é uma característica comum nos documentos da Igreja, quando o assunto é mulher.

A TF não ficou apenas na Europa e nos Estados Unidos; na AL ela se faz presente a partir dos anos oitenta, época em que um maior número de pequenas publicações teológicas escritas por mulheres começou a circular (GEBARA, 1989, p.4). Em outubro de 1985, ocorreu o Encontro Latino Americano de Teologia na ótica da mulher, quando vinte e oito mulheres de diversas Igrejas, representando nove países do continente, se reuniram em Buenos Aires para discutir a teologia a partir de diversificados modos de realização: “Foi enorme a diversidade de matizes, cores, experiências. Nessa diversidade encontramos características comuns, algumas das quais não tinham sido contempladas em nossa perspectiva” (ENCONTRO Latino Americano de Teologia na ótica da Mulher, 1986, p. 167).

<sup>39</sup> Canônico é o que é regulado pelos cânones eclesiásticos.

As participantes do evento analisaram que as atividades teológicas da mulher no continente tinham o desejo de ser integradora das diversas dimensões humanas: comunitária e relacional, pois exprimia o vivenciado; contextual e concreto, marcada pelo cotidiano; militante devido a participação das mulheres nas lutas de libertação do povo; marcada pela alegria apoiada na certeza de Deus está com elas; reconstrutora devido ao resgate das mulheres da Bíblia e da sociedade.

No entanto, essa ainda era uma teologia apenas na ótica da mulher. Os temas trabalhados, tais como a imagem de Deus, a encarnação, a vivência de Deus, a Trindade, a comunidade, o corpo, o sofrimento, a alegria, o conflito e o silêncio, o lúdico e o político, a ternura e a beleza (ENCONTRO Latino Americano de Teologia na ótica da Mulher, 1986, p. 168), apontaram para uma teologia ainda não comprometida em realizar mudanças estruturais na ciência. As teólogas utilizavam métodos da TF, mas ainda se valiam de termos biologizantes, como: ternura, choro, intuição ao descrever sua *práxis* e mesmo, sem perceber, reforçavam antigos estereótipos.

Trabalhamos em constante processo de ruptura, como num parto permanente em que tentamos desligar-nos dos velhos esquemas e das categorias impostas pelo sistema patriarcal, para dar à luz algo mais perto da vida, algo mais impregnados de sentido para nós (ENCONTRO Latino Americano de Teologia na ótica da Mulher, 1986, p. 168).

Gebara foi uma das participantes do encontro, e apresentou um ensaio para reflexão com o título “A mulher faz teologia” para marcar, em termos de diferença sexual, esse novo fazer teológico, situação que antes não era necessário; pois era uma tarefa naturalmente masculina, assim como, pontuar as diferenças culturais, que desejavam interferir na produção de outros valores, relacionamentos e maneiras de pensar.

A teóloga defendeu o fazer teológico das mulheres latino-americanas que não se exprimia apenas nas academias, mas na transmissão oral, na partilha de suas vidas, que refletiam a Bíblia a partir de suas vivências, e mesmo sem denominar o que faziam como teologia, respondiam a questões dogmáticas de maneira simplificadas, pois parte dessas mulheres eram analfabetas, o que não as impediam de exercer um serviço teológico.

Destacou também o trabalho das catequistas, mesmo que elas repetissem no seu serviço apenas o que estava publicado sobre os conteúdos que transmitiam, principalmente, com crianças e jovens; era comum a participação delas nos movimentos populares, e muitas exerciam o ministério, transmitindo um cristianismo revolucionário comprometido com a realidade social do continente. Assim como as freiras de inserção, ou seja, as que trabalhavam nas periferias e estavam construindo uma nova leitura da fé cristã a partir dos problemas e

esperança do povo, através de estudo da Bíblia, acompanhamento com os jovens e com as catequistas e demais atividades nas comunidades.

O termo Teologia Feminista da Libertação foi adotado, oficialmente, no encontro da Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1993:

Ao empregar o termo feminista, as teólogas reunidas assumiram gênero como uma categoria de análise (assim como já haviam utilizado classe e raça/etnia), dentro de um princípio metodológico de desconstrução e reconstrução. Em outras palavras, perguntavam em que medida a existência humana ainda podia ser entendida sem fazer referência aos condicionamentos sociais, políticos, culturais e religiosos que determinam o modo como homens e mulheres devem viver, impedindo a dignidade humana (DEIFELT, p. 172).

A TF na AL, num primeiro momento, procurou destacar o protagonismo das mulheres na Bíblia que assumiram o papel de líder na luta pela transformação social. No segundo momento, se deu a “feminização dos conceitos teológicos”. Como o número de mulheres religiosas com formação acadêmica era maior nesta fase, se preocuparam em desconstruir conceitos patriarcais e redescobrir as expressões femininas de Deus. Na terceira fase, ocorreu um questionamento à teologia dominante, e foram repensadas a identidade feminina, a antropologia e cosmologia.

A teóloga feminista que mais se destaca no Brasil é Ivone Gebara<sup>40</sup>. Ela tornou-se conhecida do grande público ao fazer afirmações para uma revista de cunho nacional em defesa da legalização do aborto, posição que lhe resultou como punição dois anos de silêncio obsequioso<sup>41</sup> imposto pelo Vaticano. A sua posição em livros como: “Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal”; “Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista” ou “Águas do meu poço”, além da sua participação na formação de CEBs e como professora de teologia, não conseguiram o mesmo efeito.

Gebara é natural da cidade de São Paulo, nasceu em 1944, filha de uma família de sírio-libaneses, desde 1967 pertence à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho. É doutora em Filosofia pela USP e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Na Europa afirma ter vivido dois momentos: o primeiro, aos 25 anos ainda estudante de teologia; o segundo, como fruto do castigo do Vaticano, quando já era uma teóloga feminista da libertação.

No momento (2007), a teóloga não possui vínculo institucional, ministra cursos em diferentes universidades, instituições, grupos populares. Hoje publica seus livros por uma

---

<sup>40</sup> Foram realizadas duas entrevistas com a teóloga, nos dias 17 e 18/03/2007.

<sup>41</sup> Proibição de escrever ou falar publicamente imposta por autoridades eclesiais, no sentido de conter alguma postura considerada diferente da oficial.

editora não vinculada a Igreja Católica, que não permite mais que o faça. Vale lembrar o caso de Juana Inês, que foi proibida de continuar escrevendo; ao menos Gebara vive em um tempo em que pôde apenas mudar de editora. Hoje ela vive em Recife e participa de grupos de reflexão com as mulheres da cidade.

Ela salienta que seu fazer teológico é caracterizado pela sua experiência com as mulheres do nordeste brasileiro, lugar marcado por contrastes econômicos e sociais: do latifúndio aos sem terra; do poder paralelo dos coronéis e usineiros ao lado dos sem poder; da cultura dominante que instrumentaliza a cultura popular; do machismo e da submissão da mulher. “Tal situação é de fundamental importância, pois condiciona minha reflexão de mulher a partir de uma realidade sócio-econômica, política e cultural especial. Esta realidade molda meu ser e meu agir, meu olhar e meu sentir, meu falar e meu calar” (GEBARA, 1986, p. 5).

Para ela, a TF assim como o Feminismo são movimentos em construção, que nesse processo estão em constante desconstrução das estruturas vigentes que perpetuam as desigualdades entre os sexos. Ambos buscam ainda reconhecimento acadêmico e têm proporcionado avanços, um no campo científico e, outro, no religioso; os dois conscientes de que novas relações de gênero, igualitárias, ainda estão se formando. Por isso, acreditam que novas releituras são necessárias, não apenas da Bíblia. Dorothy Schons, por exemplo, denomina Juana Inês como a primeira feminista da América (NUNES, 2000, p. 24) e para Beatriz Melano Couch, ainda é pouco reconhecida a importância da religiosa como teóloga, textos como a *Carta Atenagórica, Respuesta a Sor Filotea de la Cruz, Primero Sueño* e outros escritos comprovam sua autoridade teológica (NUNES, 2000, p. 25). Para essas autoras, Juana foi mais que uma mulher bela e inteligente, foi bastante ousada até em não casar, como ela mesma ressalta em sua carta ao bispo de Puebla para se dedicar ao conhecimento, algo negado as mulheres, principalmente no campo da teologia.

Este estudo é comprometido com o feminismo na sociedade e, principalmente, na religião, por acreditar que não é possível mudanças nas relações de gênero na sociedade sem que aconteçam nas Igrejas; tem também o interesse de contribuir ao fazer uma análise feminista sobre as doutoras da Igreja: Como foram aceitas em suas realidades? Por que se tornaram depois santas e doutoras da Igreja? De que maneira elas influenciam a vida das (dos) fiéis católicas (os) hoje?

## 2.2 As doutoras da igreja na ótica teológica feminista

Fiorenza, no seu livro “Discipulado de iguais”, propõe a “libertação” das santas<sup>42</sup> católicas, justificando que as imagens que temos delas são leituras produzidas pela cultura e teologia patriarcais, até mesmo porque elas são parte da tradição que não se deve negligenciar e sim reformular: “Percebi que as católicas não podem simplesmente voltar às costas às imagens e ao culto dos santos sem pagar o preço da alienação de si mesmas, de nossas tradições cristãs particulares e da comunidade” (SCHUSSLER-FIORENZA, 1995, p. 51).

Santas como Catarina de Sena, Teresa D’Ávila e Teresa de Lisieux, doutoras<sup>43</sup> da Igreja, são mulheres consideradas excepcionais, por isso mesmo, santas e doutoras; mas o que não foi dito ou pouco foi mencionado sobre elas é o que esse estudo deseja salientar, as menções às chamadas situações notáveis, que serão apenas pano de fundo para o entendimento do contexto.

Catarina nasceu em Sena, na Itália, no ano de 1347, foi a vigésima quarta filha de Tiago e Lapa Benincasa. Com apenas seis anos, a menina teria tido uma visão de Jesus, revestido de vestimentas pontifícias pairando no ar. Aos doze anos, cortou as tranças em resposta ao fato de sua mãe ter lhe arranjado um pretendente, pois seu desejo era ser freira. Três anos depois conseguiu realizar sua vontade, entrando para a Ordem da Penitência de São Domingo.

Em 1367, a jovem Catarina era dirigente de uma reunião pública de oração e ensino, onde participavam leigos e religiosos, daí nasceu a família catariniana. Três anos depois aconteceu um fato que mudou sua vida, chamado de morte mística, que seu biógrafo<sup>44</sup> descreveu da seguinte forma:

A salvação dos homens exige que tu voltes à vida. Mas não viverás mais como até agora. O pequeno quarto não será mais tua costumeira moradia; pelo contrário para a salvação das almas deverás sair de tua cidade. Estarei sempre contigo na ida e na volta. Levarás o louvor do meu nome e a minha mensagem a pequenos e grandes, a leigos, clérigos e religiosos. Colocarei em tua boca uma sabedoria, á qual ninguém poderá resistir. Conduzir-te-ei diante de papas de bispos e de governantes do povo cristão a fim de que por meio dos fracos, como é do meu feitio, eu humilhe a sabedoria dos fortes (SANTA Catarina de Sena, 1984, p. 7).

A vida dessa mulher, considerada pela Igreja Católica como uma mística por viver uma íntima e apaixonada experiência de Deus, modificou-se após o sinal que disse ter

<sup>42</sup> Santo: aplicado às pessoas, significa fazer passar estas pessoas para a ação particular de Deus, de tal modo que, progressivamente, o coração e toda a vida destas pessoas se submetem e se entreguem inteiramente a Deus, por amor.

<sup>43</sup> Título oficialmente dado pela tradição e por decisão da Santa Sé a escritores eclesiásticos notáveis tanto pela santidade de sua vida como pela importância e ortodoxia da sua obra doutrinal.

<sup>44</sup> Raimundo de Cápua foi confessor e primeiro biógrafo de Catarina. Cf. Catarina de Sena, O diálogo, p. 7.



recebido. Mesmo sem saber escrever, sua biografia afirma que só desenvolveu essa habilidade nos últimos anos de vida, Catarina ditou e enviou cartas às autoridades de sua época: papas, cardeais, prelados, reis e rainhas, comandantes militares, membros da alta sociedade, juristas e médicos (SANTA, Catarina de Sena, 1984, p. 7).

O que mais chama atenção não é o fato de não ter escrito a próprio punho suas cartas, e enviado em tão grande quantidade a pessoas ligadas ao poder; mas, sim, no fato de uma mulher naquele contexto ter atuado para manter Gregório XI no papado e ser uma peça atuante para evitar um cisma na Igreja. Ela tinha poder para tal, por ser uma mística, além de, em vida, ser considerada santa? Ou justamente por tais qualidades terem sido manobradas pelos homens de sua época? É necessário entender o contexto:

Naquela época, o sumo Pontífice morava em Avinhão na França, e deixara como responsável pelo Estado Pontifício na Itália o cardeal legado Pedro d'Estaing. Este, para reprimir as pretensões políticas do duque de Milão, fizera aliança com a Rainha de Nápoles e o Rei da Hungria, e entregara a um general inglês – John Hawkwood – a chefia das tropas pontifícias (SANTA, Catarina de Sena, 1984, p. 7).

A ação de Catarina se deu no sentido de solicitar ao papa que retornasse a Itália para evitar uma guerra entre os príncipes cristãos, aconselhando-o a pacificar a cristandade. No conflito, que se seguiu formou-se na Itália uma liga de oitenta cidades e castelos contra a autoridade religiosa de Roma, o papa ainda em Avinhão, privou a cidade de Florença, que liderava o movimento, dos direitos de fé e de comércio. Catarina escreveu a Urbano VI: “Santíssimo Padre... conhece a grande necessidade que tem, Vossa Santidade e a Igreja, de conservar este povo (de Florença) na obediência e reverência a Vossa Santidade, uma vez que é o chefe e o principio da nossa fé” (REVISTA Eclesiástica Brasileira, 1986, p. 933).

Catarina, a convite do governo de Florença, foi a Avinhão negociar a paz com o papa. Em 1270, se referindo ao fato, o então papa Paulo VI disse que a santa arriscou sua vida se expondo a vinganças, ao reconciliar a República de Florença a Gregório XI :

No dia 20 de julho foi recebida em Avinhão, no salão de audiências, e começou mesmo as tratativas, quando chegaram os embaixadores florentinos. Antes de voltar a Itália, Catarina encorajou quanto pôde o papa a fim de que retornasse a Roma. Gregório XI deixou de fato Avinhão aos 13 de setembro (SANTA, Catarina de Sena, 1984, p. 8).

O controvertido papel de Catarina na política eclesiástica da sua época é analisado por Elisabeth Güssmann como o de uma mulher importante por ser visionária, mas não obstante foi utilizada pelos homens: “Mas sabemos também que mulheres, sobretudo visionárias, sempre de novo foram atreladas aos carros de guerra dos partidos masculinos, como Brígida

da Suécia pelos imaculistas e Catarina de Sena pelos maculistas” (DICIONÁRIO de Teologia Feminista, 1997, p. 291).

O conflito entre maculistas e imaculistas está ligado ao dogma da Imaculada Conceição<sup>45</sup>, onde o debate aconteceu em torno da questão se Maria havia sido concebida sem o pecado original, os franciscanos defendiam que sim, por isso, imaculistas; e, os dominicanos, maculistas, o oposto. Foi *Duns Escoto*<sup>46</sup> quem desenvolveu argumentos, tendo como base alguns predecessores concluindo que a redenção de Maria é real e perfeita, pois ela foi preservada por Cristo, e foi predestinada a ser a mãe do Salvador<sup>47</sup>.

Realmente, as atividades de Catarina foram acompanhadas de perto por seu diretor espiritual<sup>48</sup>, como de costume para o controle das atividades espirituais, caso que se repetiu com as demais santas aqui estudadas. O confessor da freira foi D. Raimundo de Cápua, que foi oficialmente lhe dado para tal função no Capítulo Geral<sup>49</sup> da Ordem Dominicana no ano de 1374. Um ano depois, Catarina afirmou ter recebido de Cristo o doloroso dom das chagas<sup>50</sup>, e sua fama se propagou ainda mais. No ano de 1377, uma multidão foi a procura da considerada, em vida, santa na abadia de Santo Antimo, onde se encontrava hospedada. Nesse mesmo ano começou a ditar *O Diálogo*.

Gregório XI faleceu em 27 de março de 1378 e foi substituído por Urbano VI e a reação do grupo adversário foi eleger Clemente VII, na visão oficial e de Catarina, um antipapa<sup>51</sup>. Ela, no entanto, não se calou, escreveu para a rainha de Nápoles, ao rei da França,

<sup>45</sup> Apesar do debate secular que envolveu a questão da concepção de Maria, sem a mancha do pecado original ou primeiro de Adão e Eva, sua imaculada concepção só se tornou dogma, ou seja, assumido como verdade pela Igreja, em 1854, período que coincide com a chamada “Primeira onda do feminismo”, onde as mulheres começaram a reivindicar seus direitos também na religião, um exemplo citado aqui, ocorrido pouco tempo depois deste ano foi o caso de Elisabeth Stanton.

<sup>46</sup> João Duns Escoto nasceu em Duns, na Escócia. Torna-se franciscano em 1280. Chamado de Doutor sutil, objeto de uma veneração particular na ordem franciscana (sobretudo por sua defesa da Imaculada Conceição), depois na diocese de Nola, sua beatificação foi confirmada pela Igreja universal em 1993. Cf. DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA, pp. 582-583.

<sup>47</sup> A Imaculada Conceição decorre da primazia de Cristo. Em primeiro lugar o pecado original não é transmitido como uma infecção da carne (a concupiscência), mas reside na vontade imaterial. Além disso, Deus tem a potência necessária para preservar a Virgem de todo pecado em sua alma. Enfim, a ordem dos fins não é cronológica: no plano de Deus, convém que o mais perfeito mediador mediatize da maneira mais perfeita; e assim, preservando antes a Mãe de Cristo, primeiro laço de Cristo com a humanidade, Deus lhe deu a mesma graça, desde sua animação, que deu aos outros pelo batismo. Cf. DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA, p. 585.

<sup>48</sup> Direção espiritual significa tradicionalmente o serviço religioso prestado por uma mulher ou homem à pessoa que necessita de acompanhamento espiritual. Cf. Dicionário de termos da fé, p. 122.

<sup>49</sup> Capítulo Geral é o nome dado a assembléia a nível de instituição, onde os religiosos tratam dos seus assuntos.

<sup>50</sup> Estigmas são chagas cuja forma reproduz as marcas da Paixão de Cristo, aparecendo no corpo de alguns extáticos, nas mãos, nos pés, no lado e na testa, sem serem provocadas por nenhuma ferida externa, geralmente acompanhadas de vivos sofrimentos físicos e morais que recordam o de Jesus, que os medicamentos não conseguem curar.

<sup>51</sup> Nome dado a várias personagens que, em diferentes épocas da história da Igreja, usurparam o título e as funções de Bispo de Roma, opondo-se ao papa legítimo. Cf. DICIONÁRIO DE TERMOS DA FÉ, p. 562.

ao conde de Fondi e outros considerados responsáveis pela cisma da Igreja. Em seguida se tornou também conselheira do novo papa Urbano VI.

Em seu epistolário constam 381 cartas que foram ditadas a diferentes secretários, a mulher que sabia apenas ler, também aprendeu a escrever; e, nos últimos meses de vida, redigiu os próprios textos como asseguram seus biógrafos. Em vinte e nove de abril de 1380 ela faleceu, mas sua canonização<sup>52</sup> pela Igreja, só se deu em 1461.

A canonização de Catarina pela Igreja foi entusiasticamente apoiada pelos dominicanos, porque eles precisavam de uma santa popular que pudesse fazer frente a Francisco de Assis.. Embora secundasse Brígida no fato de procurar fazer o papa retornar de Avinhão para Roma, Catarina só foi canonizada em 1461, por coincidência, por um seu conterrâneo sienense, o Papa Pio II (DICIONÁRIO de Teologia Feminista, 1997, p. 482).

Catarina não deixou de legado uma teologia inovadora, no que a Igreja diz sobre ela, nada consta que possa ser afirmado que era uma mulher preocupada com a subordinação feminina. A imagem apresentada é a da mulher mística que se empenhou pela unidade da Igreja, e sua principal preocupação era que ocorresse o contrário, um cisma. “É preciso que se diga, entretanto, que as novas edições críticas de seus escritos têm trazido a lume novas manifestações de um feminismo religioso que até agora haviam sido reprimidas” (DICIONÁRIO de Teologia Feminista, 1997, p. 482).

A honraria de Doutora da igreja, ou seja, título que a Santa Sé por tradição só concede a escritores eclesiásticos notáveis, tanto por sua santidade quanto pela importância da sua obra doutrinal; foi dado primeiro a Teresa D’Ávila em 27 de setembro de 1970, dias depois a Catarina de Sena, em 4 de outubro, pontificado de Paulo VI, período que, posteriormente, será analisado no Capítulo III, que tem como pano de fundo as reivindicações das mulheres pelo sacerdócio feminino. Durante a homilia proferida na proclamação da santa em doutora, o papa salientou que:

Que diremos então da eminência da doutrina de Santa Catarina? Certamente, não encontramos nos seus escritos, nas suas Cartas, conservadas em número muito elevado, no Diálogo da Divina Providência, e nas Oraciones, o vigor apologético e as audácias teológicas que caracterizam as obras dos grandes luminares da Igreja antiga, no Oriente e no Ocidente; nem podemos pretender que a inculta virgem de Fontebranda tivesse elevadas especulações, próprias da teologia sistemática, que tornaram imortais os Doutores da Escolástica medieval. Embora seja verdade que, nos seus escritos, a teologia do Doutor Angélico se reflète, em medida surpreendente, neles, esta teologia se apresenta despojada de qualquer forma científica (REVISTA Eclesiástica Brasileira, 1986, p. 932).

Ambas doutoras são tidas como grandes espiritualistas, místicas, mas não teólogas, pois sua teologia é desprovida de qualquer forma científica, como afirmou Paulo VI. Em

---

<sup>52</sup> Canonizar é inscrever um Beato no Catálogo dos Santos.

diversos momentos desta pesquisa é ressaltado que a teologia é um campo masculino, mesmo que na atualidade as mulheres sejam maioria entre os estudantes de tal ciência; suas produções enquanto teólogas não as tiram do campo do amadorismo, pois profissionais teólogos são considerados quase sempre apenas os homens. E quanto à participação da mesma no conflito entre o papa e a República de Florença, foi dito no ato de sua proclamação como doutora que: “A nossa piedosíssima virgem também foi política? Sim, sem dúvida, e de um modo excepcional, mas no sentido inteiramente espiritual da palavra. De fato, ela reagiu com desdém contra a acusação de politicante, que lhe fizeram alguns de seus conterrâneos (...) (REVISTA Eclesiástica Brasileira, 1970, p. 934).

Mesmo tendo uma reação contrária ao que foi dito sobre ela, a intervenção dela no caso exposto, não é mais que uma ação política e bem pensada, na defesa da união da Igreja.

Para os trinta homens que a Igreja tinha como doutores na época, Teresa e Catarina despontam como as primeiras mulheres a receberem o título, numa alusão a não ordenação de mulheres. Elas podem até ser doutoras, em número bem desproporcional, mas sacerdotisas, não! Daí a questão sobre o que mudou para a mulher na Igreja a partir de tal fato: Mais prestígio? Igualdade? Dignidade?

Dois anos depois, 1972, foi estabelecida duas funções para os leigos: leitor e acólitos, comumente chamados de coroinha, e a determinação romana excluiu a mulher do exercício dessas atividades. A Igreja passou a ter mulheres doutoras, ao mesmo tempo que era negado o sacerdócio feminino e, logo em seguida, lhes restringiram oficialmente, o exercício de algumas tarefas como leigas.

No entanto, Catarina foi corajosa e forte por exercer um papel considerado masculino, em um contexto que se esperava da mulher uma total invisibilidade através da clausura<sup>53</sup> religiosa, fato não destacado pelo papa. Por outro lado, este estudo não concorda com a visão de que Catarina esteve atrelada aos carros de guerra dos partidos políticos, como aponta a colocação sobre a santa no Dicionário de Teologia Feminista; obviamente ela e as demais aqui analisadas viveram em período de maior dominação masculina, mas tiveram formas de influenciar e conseguir objetivos desejados, não foram as vítimas pacíficas que a frase leva a inferir.

E quem foi Teresa de Jesus ou de D’Ávila a primeira a receber o título de doutora da Igreja, mas que viveu posteriormente a Catarina? Ela nasceu em Ávila, Espanha, em 1515, e

---

<sup>53</sup> Clausura é o recinto reservado à habitação dos religiosos, a que os estranhos não têm ordinariamente acesso e donde, por vezes, os religiosos não podem sair livremente.

Clausura papal: aquela que é imposta às monjas e que se divide em clausura papal maior ou menor conforme for mais ou menos estrita.

morreu em Alba Tormes, no ano de 1582. Assim como de Juana Inês, se diz dela que desde criança já tinha paixão pela literatura, mas uma leitura condenada pelo pai e incentivada pela mãe, sobre romances de cavalaria.

Após a morte de sua mãe, Dona Beatriz, seu pai a encaminhou ao mosteiro das agostinianas, em 1531, para dar continuidade a sua formação. Um ano depois, doente, voltou para sua casa e em suas anotações fez menção a sua vocação religiosa: “se deve mais ao desejo de fazer seu purgatório na terra do que uma atração irresistível” (GOEDT, 2000, p. 12). Quando ela desejou entrar para a vida religiosa, a não aceitação de seu pai a levou fugir para o convento, aos vinte e um anos, recebeu o hábito de carmelita; um ano depois, em 1537, fez sua profissão e pouco tempo depois deixou o Carmelo por problemas de saúde. Em casa, os remédios não ajudaram:

Os remédios que me davam eram violentos demais para o meu físico... Depois de dois meses, por causa disso, estava reduzida ao fim da vida. Tomava só alguma coisa líquida, outros alimentos causavam-me repugnância. Todos os dias devia tomar purgantes que reduziam minhas forças. A febre continuava a consumir-me (SCIADINI, 1997, p. 11).

Teresa afirma, nesse período ter recebido de Deus a graça da oração, conseguiu a recuperação da saúde e, um tempo depois, do retorno ao mosteiro, diz ter percebido em si a vontade de Deus para que reformasse o Carmelo; seu objetivo era fundar novas casas, que aceitassem religiosas que não tivessem necessariamente linhagem pura espanhola, baseadas na pobreza, sem nenhuma renda, financiadas apenas por esmolas e outras doações. No Convento da Encarnação, onde vivia a religiosa, as diferenças entre elas era marcante: “para as jovens da nobreza as celas, ou melhor, os quartos mais espaçosos; para as religiosas das camadas sociais mais humildes, celas menores, às vezes miseráveis” (GOEDT, 2000, p. 16).

Preconceito foi uma realidade vivenciada pela família de Teresa. O avô paterno foi um judeu comerciante de tecido que teve que se converter ao cristianismo. Por esse antecedente estava vetado a sua família a vida conventual, além da carreira civil e militar. Ao sair de Toledo para Ávila, sua família deixou de lado esse passado, para não trazer-lhes complicações. A formação de Teresa retrata a sua condição social, seu pai passou por dois casamentos com mulheres ricas, mas devido a sua origem não conseguiu ser mais do que um comerciante. Mesmo não sendo pobre, o conhecimento de Teresa foi limitado a situação de uma mulher de sua época, ela não dominava o latim, portanto, fazia as orações como outras freiras sem compreender devidamente.

Para agravar a situação das religiosas, a Inquisição da Espanha proibiu que se fizesse a leitura dos textos bíblicos e piedosos na língua vernácula. É nesse contexto, de vida

consagrada, que se iniciaram, no ano de 1562 as reformas no Carmelo feminino aprovadas pelo bispo, mas que sofreram diversas objeções. As monjas do mosteiro da Encarnação solicitaram que Teresa fosse punida pelos superiores da congregação:

Su proyecto congrego oposición por varias razones: se temia que el nuevo convento no tuviese suficientes recursos y apoyo eclesiástico como para poder consagrar el convento de San José de Ávila em 1562. Las monjas de la nueva comunidad se llamaban descalzas (aunque llevaban alpargatas) en señal de la austeridad de su vida. Em 1567, el general de la orden carmelita, Juan Bautista Rubeo, dio a Teresa una autorización para expandir su reforma<sup>54</sup>.

O povo de Ávila reclamou por serem obrigados a ajudar manter mais um convento. No entanto, Pe. Rúbeo, que era o superior geral da ordem carmelita, apoiou as reformas de Teresa e ao elogiá-la comentou: “Agradeço, sem cessar, a Deus, os favores concedidos à nossa Ordem, mediante a nossa Reverenda Teresa de Jesus. Ela traz mais vantagem para a Ordem do que todos os frades carmelitas da Espanha” (ORTEGA; PÉREZ, p. 110).

Ainda hoje, as mulheres de liderança como a religiosa, são vistas e comparadas com os homens, não é tido como natural uma mulher capaz de tomar decisões, portanto a frase de Pe. Rúbeo poderia ser aplicada na atual realidade. Tal concepção pode ter origem em homens como são Tomás que disse: “o homem é o princípio e o fim da criação” (EYDEN, 2001, p. 19), por ser o homem hierarquicamente superior, uma mulher quando se destaca, não é mulher, é um homem; para São Jerônimo nem a fé para a mulher era uma coisa natural: “uma mulher que chega a adquirir a fé, deixa de ser uma mulher e é nomeada varão” (ORTEGA; PEREZ, p. 19).

Por insistir e ter levado a frente as reformas, no Carmelo feminino, em meio as contestações, a religiosa passou a ser considerada também como rebelde e louca. Depois, ela desejou iniciar a reforma no Carmelo masculino e contou com o apoio de Frei Antonio e de João da Cruz. Este último, um carmelita recentemente ordenado e por ser pequeno e magro, diferente do outro frei, motivou-a declarar às suas monjas: “Ajudem-me a agradecer a Deus, porque para a reforma entre os padres já temos um frade e meio” (SCIADINI, 1982, p. 20).

Teresa tinha um humor irônico como demonstra seus escritos sobre as fundações dos conventos, e ousou demais na sua época, saiu em carroças com as monjas e percorreu toda Espanha fundando dezessete mosteiros femininos e, depois, com a ajuda de São João da Cruz, um masculino. Para isso contou com doações que chegaram devido a sua influência e a

---

<sup>54</sup> Seu projeto congregou oposição por várias razões: se temia que o novo convento não tivesse suficientes recursos e apoio eclesiástico como para poder consagrar o Convento de São José de Ávila em 1562. As monjas da comunidade se chamaram descalças (ainda que usassem alparcatas) em sinal da austeridade de sua vida. Em 1567, o general da ordem carmelita, Juan Bautista Rubeo, deu a Teresa uma autorização para expandir sua reforma. Cf. ORTEGA; PÉREZ, *Historia de las mujeres em España y América Latina*, p. 110.

herança de sua família. No verbete teóloga, do Dicionário de Teologia Feminista, encontra-se a seguinte informação sobre Teresa:

Teresa deve ser considerada como feminista, no sentido de haver reclamado igual valor para a mulher na ordem da redenção e insistido para que esta igualdade fosse praticada em plena escala na vida conventual. Para possibilitar a “oracion” para as freiras ela insiste na necessidade da vocação religiosa individual. Sua reforma do Carmelo exige, por conseguinte, ingresso e admissão livres, mesmo sem dote (DICIONÁRIO de Teologia Feminista, 1997, p. 483).

De acordo com o direito eclesiástico e também o civil, as mulheres não tinham autonomia jurídica, portanto, Teresa, fez as reformas conventuais e só pôde fundar dezessete conventos femininos sob a autoridade de bispos e dos superiores da congregação carmelita, mas isso não invalida a obstinação dessa mulher que encontrou obstáculos e apoio dentro e fora da Igreja. Primeiro, ela viveu em um contexto de Reforma religiosa:

Por outro lado, dentro e fora das fronteiras da pátria, agitava-se com violência a tempestade da Reforma, lançando os filhos da Igreja, uns contra os outros, Santa Teresa, por causa do seu amor à verdade e da sua intimidade com o Divino Mestre, teve que sofrer amarguras e incompreensões de toda a espécie, e o seu espírito não sabia conservar a paz diante da ruptura da unidade. “Sofri muito – escreveu – e, como se pudesse ou fosse alguma coisa, chorava diante do Senhor, suplicando que remediasse tantos males” (Caminhos da perfeição, c. 1, n. 2, em BAC, 1962, 185)<sup>55</sup>.

Daí o apoio das autoridades eclesiais a ela para que fizesse frente ao avanço protestante. Segundo, para fugir das ameaças da inquisição, escreveu que suas experiências místicas eram resultados de sua vida de oração, pois os homens sempre desconfiaram da espiritualidade feminina; por fim, por ser uma religiosa foi criticada por muitos em não cumprir com a clausura devido as suas viagens para fundar os conventos.

Fémína inquieta, andriega, desobediente y contumaz, que a título de devoción inventaba malas coctrinas, andando fuera de la clausura, contra el (sic) orden del Concilio Tridentino y prelados, enseñando como maestra contra lo que San Pablo enseñó, mandando que las mujeres no enseñasen<sup>56</sup>.

Incentivada a escrever por suas monjas sobre sua experiência de oração, os livros de Teresa, no campo da espiritualidade, são considerados *best-sellers*, sendo quatro os mais destacados de toda a sua obra: *O caminho da perfeição*, *As fundações*, *Castelo interior*, e sua autobiografia. Um de seus pensamentos mais lembrado entre as (os) fiéis católicas (os) é:

<sup>55</sup> Ver. REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA, 1970, p. 930.

<sup>56</sup> Mulher inquieta, andarilha, desobediente e rebelde, que a título de devoção inventava mais viagens, andando fora da clausura, contra o (sic) Ordem do Concílio Tridentino e prelados, ensinando como mestra o que São Paulo ensinou, mandando que as mulheres não ensinassem. ORTEGA e PÉREZ, Historia de lãs mujeres em españa y América Latina, p. 114. Escrita do núncio apostólico Felipe de Segá a respeito de Teresa em 1578.

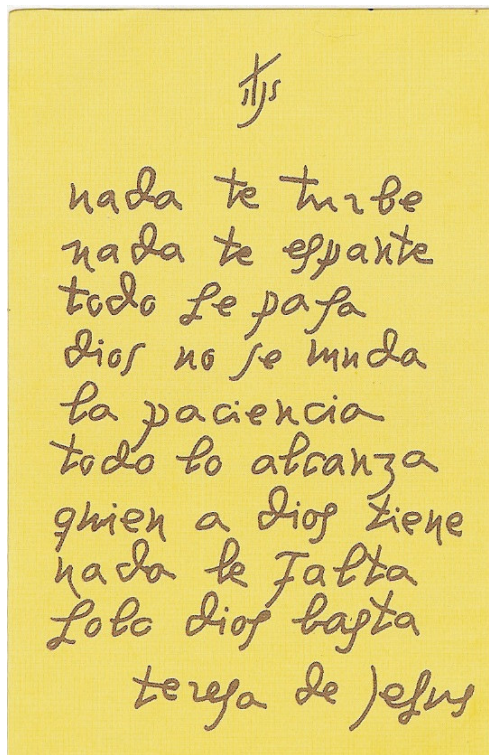


Figura 1 – Texto escrito por Teresa de Jesus <sup>57</sup>  
Fonte: impresso Carmelo.

Teresa sempre foi atenta à Inquisição. Em *Castelo Interior* escreveu: “quando vos derem esse livro para ler. Isto é, se os teólogos que o examinarem acharem que pode ser lido”<sup>58</sup>. O livro da autobiografia foi tomado pelo tribunal inquisitorial e só foi liberado quatro anos após a morte da religiosa. Seu epistolário conta com mais de quatrocentas páginas, se levado em consideração que sua vida intensa não lhe dava o tempo necessário para se dedicar a escrita, é realmente admirável a sua grande produção.

Segundo suas próprias palavras, escreveu a mando ou a pedidos, assim como fez Juana Inés, séculos depois numa tática de defesa. Numa oração omitida nas edições mais antigas de *Castelo Interior*, Teresa denuncia a condição da subordinação feminina como injusta:

Não meu criador, não és ingrato e tenho certeza que atenderás as súplicas das mulheres. Quando vivias na terra não desprezaste as mulheres e sim as envolveste com tua grande bondade. Encontraste nelas mais amor e uma fé mais viva do que entre os homens... Não basta, Senhor, que o mundo nos deixe encurraladas aqui?... És um juiz justo; não és como os juizes deste mundo que são todos filhos de Adão, e por

<sup>57</sup> Nada te perturbe,  
nada te espante,  
tudo passa,  
só Deus não muda,  
a paciência tudo alcança;  
nada te falte com Deus no coração:  
só Deus basta! Cf. SCIADINI, 1997, p. 25.

<sup>58</sup> Ver. SANTA TERESA, *Castelo interior*, p. 262.



isso, homens. Não há virtude de mulher que eles não olhem com suspeita. Mas há de chegar o dia, ó meu Rei, em que todos haverão de nos reconhecer. Não falo por mim. O mundo sabe da minha miséria e é bom que o saiba. Mas quando considero a nossa época não me parece de forma alguma correto que se desprezem almas fortes e corajosas só por serem mulheres<sup>59</sup>.

Teresa soube, em seu contexto, usar estratégias que lhe permitiu continuar a escrever, realizou seus objetivos na reforma religiosa no Carmelo e fundou as novas casas, sem entrar em conflito direto com a Igreja, pois tinha consciência das limitações que a instituição impunha às mulheres e com ironia e inteligência, denunciou e propôs uma forma de liberdade: a oração mental, interior, diferente da única possível as mulheres: a vocal.

No ato da proclamação de Teresa em doutora, por ter sido a primeira, a questão da ordenação de mulheres foi apresentada. Paulo VI falou em sua homilia da missão da mulher no Povo de Deus e disse que apesar da frase de São Paulo sobre as mulheres deverem se manter caladas em assembléias (Cf. I Coríntios 14,34), e que também foi utilizada na elaboração dos discursos sobre a sua não-ordenação nas diversificadas Igrejas, ser considerada severa por ele, se mantinha a mesma posição na Igreja Católica: “

Podemos responder com clareza negativamente. Na realidade, não se trata de um título que comporte funções hierárquicas de magistério, mas ao mesmo tempo, devemos declarar que este fato não significa de modo algum uma apreciação menor da sublime missão que a mulher tem no Povo de Deus<sup>60</sup>.

Era um momento de deixar evidenciado que as mulheres podem tudo desde que não agregue poder, ou seja, só tem direitos em parte, o sacerdócio comum de todos os cristãos, dos não-ordenados. Em 19 de outubro de 1997, João Paulo II elevou a categoria de doutora a última das três mulheres a receber tal título, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, seus escritos assim como os da demais passaram a ter a categoria de doutrina. No Brasil ela é a mais popular entre as três santas e recebeu de fiéis brasileiros o apelido de Teresinha, para diferenciar de Teresa D'Ávila, este estudo vai seguir a sugestão popular.

Teresinha foi a nona e última filha de Luís Martin e Zélia Guérin, esse era o ano de 1873, época de ainda grande mortalidade infantil, por isso só restou a menina cinco irmãs. Sua mãe veio a falecer quando tinha cinco anos e, sua irmã Paulina se tornou a substituta da mesma, no cuidado da criança. No ano de 1882, foi a vez de Paulina deixar a irmã, pois decidiu entrar para o Convento das Carmelitas.

Com catorze anos Teresinha deseja fazer o mesmo, mas o superior do Carmelo, se opôs a sua entrada alegando pouca idade. Começou, então, uma luta para conseguir ingressar na vida religiosa. O pai para fazê-la desviar de seus planos, a levou numa viagem de

<sup>59</sup> Ver. SANTA TERESA, Castelo interior, Caminho 4.

<sup>60</sup> Ver. PAULO VI, REVISTA Eclesiástica Brasileira, 1970, p. 930.

peregrinação de Paris a Roma, juntamente com sua irmã Celina. No Vaticano, conseguiu uma audiência com Leão XIII, onde reivindicou uma autorização para que pudessem permitir sua entrada no convento.

Nessa viagem pôde observar a condição das mulheres na Itália e fez a seguinte crítica: “Não consigo ainda compreender por que razão as mulheres na Itália são tão facilmente excomungadas. Era-nos dito a cada passo: ‘Não andeis por aqui... Não andeis por ali... senão ficaríeis excomungadas!’”<sup>61</sup>.

A resposta positiva que Teresinha tanto desejava só chegou ao primeiro dia do ano de 1888; e apenas na Páscoa, ela pôde entrar no Carmelo de Lisieux, onde morou até o resto da vida breve, pois faleceu de tuberculose aos vinte e quatro anos. O papa Pio XI, que fez dela a estrela do seu pontificado, a canonizou no ano de 1925, numa cerimônia que contou com quinhentos mil peregrinos<sup>62</sup>. Até receber o título de doutora da Igreja, foram muitos os pedidos nesse sentido, o que, mais uma vez, é indício de sua popularidade:

Em 1932, quase setecentos bispos pediram para o papa Pio XI que proclamasse Santa Teresinha “doutora da Igreja”. Todavia os tempos não estavam maduros...  
(...) A celebração do primeiro centenário de sua morte abre a oportunidade para retomar o assunto. Mais de quarenta conferências episcopais, e também a CNBB, já fizeram esse pedido ao papa João Paulo II (SCIADINI, 1997, p. 23).

Na visão do Frei Sciadini, em artigo escrito do ano de 1997 a promoção de Santa Teresinha como “doutora da Igreja” significaria a promoção e emancipação da mulher dentro da Igreja. Este estudo, no entanto, demonstra que a condição da mulher não se modificou depois das três santas terem recebido tal honraria. A teologia feminista, até onde foi pesquisado, só defende como feminista Teresa D’Ávila, pois Catarina é mencionada como uma mulher forte e Teresinha não é citada.

Na verdade, diferente das outras doutoras, ela não foi uma mística, não teve uma vida marcada por nenhum fato extraordinário, simples e dedicada a oração, passou a chamar atenção das (os) fiéis católicas (os) após sua morte devido a “História de uma alma”, sua autobiografia. A sensibilidade e a delicadeza demonstrada em seus escritos, fez dela a Santa das pequenas coisas, como é considerada pela Igreja. No entanto, uma mulher bastante diferente dela, era admirada por Teresinha, Joana d’Arc, em suas poesias aparece inúmeras vezes. Em 1894, Teresinha, fez sua primeira composição dramática com o título de “A missão de Joana d’Arc”, nesta projeta sua vida no interior da história da heroína, descrevendo a timidez e a solidão de Joana, em de suas poesias aclama:

Quando o Deus dos exércitos dando-te a vitória

<sup>61</sup> Ver. SANTA TERESA DO MENINO JESUS, História de uma alma, p. 159.

<sup>62</sup> Idem, Obras Completas, p. 7.

Expulsaste o estrangeiro e fizeste sagrar o rei  
 Joana, o teu nome tornou-se célebre na história  
 Os maiores conquistadores empalideceram diante de ti (SCIADINI, 1997, p. 80).

Na prática, Teresinha teve uma vida de clausura, como era esperado apenas das religiosas <sup>63</sup>, no entanto, ela desejou ser missionária, pregar o Evangelho em outras terras, o que só a um homem era permitido, in memória, no entanto, Pio XI, a declarou padroeira das missões em relação de igualdade com São Francisco Xavier, que pôde em vida realizar o que para ela não poderia ser mais que uma vontade. Outra contradição da Igreja, por ser mulher, não poderia ser missionária em sua época, depois de morta tornou-se padroeira das missões igualmente a um homem que pôde realizar sua vontade. Para os homens, tudo! Para as mulheres, sempre uma parte!

Cabe comentar o que as santas doutoras tinham em comum. Nenhuma delas, em seus escritos, analisados nesse estudo, criticam diretamente a Igreja enquanto hierarquia, Teresa D'Ávila, em o Castelo Interior afirma:

Se alguma coisa não estiver conforme a doutrina da Santa Igreja Católica Romana, será por ignorância, não por malícia. Pela bondade de Deus, sempre estou, estive no passado e estarei no futuro sujeita a Santa Igreja. Seja Ele para sempre bendito e glorificado! Amém <sup>64</sup>.

Até mesmo porque, como já salientado, ela viveu em um contexto de Inquisição. Todas três demonstram consciência do fato de ser mulher, o que as impediu de realizar certas coisas, não encarando, no entanto, como algo natural ou incapacidade para tal. Teresinha, por não fugir dos padrões não foi tida como um homem, mesmo sendo a mais popular entre as (os) participantes das entrevistas, não é suficientemente conhecida sua vida e obra.

Retomando o pensamento de Fiorenza, citado no início deste capítulo, de que é necessário fazer uma releitura das santas católicas, pois estas foram analisadas por uma teologia patriarcal, a TF, por sua vez, não deve incluir apenas as mulheres que se destacaram por algum feito extraordinário, devido a sua representatividade na vida das fiéis católicas, santas como Teresinha também têm que ser libertadas de uma teologia e cultura androcêntrica.

---

<sup>63</sup> Só 1900 quando o papa Leão XIII acabou com a clausura feminina é que os institutos de mulheres passaram a ter liberdade de optar ou não por este tipo de vida, dado que para os masculinos sempre foi opcional. Cf. BRUNELI, Libertação da mulher, p.29

<sup>64</sup> Ver. SANTA TERESA D'ÁVILA, Castelo interior, p. 15.

### 2.3 A Teologia Feminista e as doutoras da igreja a partir das (os) fiéis católicas (os)

Entre as (os) participantes das entrevistas, onze pessoas foram questionadas sobre as santas doutoras, apenas as religiosas e componentes do Grupo Ame responderam. A única pessoa que falou um pouco mais sobre o assunto e não incluiu equivocadamente outra santa foi a religiosa teóloga e italiana:

Santas Doutoradas: Teresa, Teresinha do Menino Jesus, Catarina de Sena, só essas três na Igreja. Catarina de Sena assumiu um compromisso na política de fazer com que o papa de Avinhão voltasse para Roma, ela trabalhou no sentido de ... os vários estados da Itália, Catarina de Sena percorreu muitos quilômetros para estabelecer a paz entre um grupo político e outro, não tendo estudado teologia naquele tempo ela era de uma sabedoria que é dom de Deus, as outras duas, Teresa D'Ávila e Teresinha do Menino Jesus é mais a nível espiritual, elas descobriram um caminho novo para viver a dimensão cristã, a espiritualidade, a mística, dentro de um contexto de vida religiosa enclausurada e contemplativa (C, 63 anos, Ir).

Por ser a maior parte das (do) participantes que responderam a questão do Grupo AME, não é de estranhar que incluam a fundadora do instituto, que levou a formação do grupo entre as doutoras, quando Elena Silvestre é apenas beata <sup>65</sup>; porém a mais lembrada depois de Teresinha, foi Edith Stein, uma santa que também foi religiosa carmelita, mas que era de origem judia e foi professora de filosofia na Alemanha em um período de ascensão do nazismo. Mesmo entre as religiosas que poderiam não confundi-la com as doutoras, é comum tal menção:

Bem, olhe... Eu conheço... Li alguma coisa sobre a Santa Teresa D'Ávila, na realidade foi uma grande mulher no sentido que ela teve a coragem juntamente com São João da Cruz de dá um sentido novo a vida religiosa dentro do mosteiro, a vida religiosa dentro da clausura, ela foi capaz de fazer uma reforma praticamente em todo o seu instituto, procurando levar em conta as regras da Igreja, você sabe que a maioria dos santos eles têm isso, eles vivem, eles tem a capacidade de criticar a Igreja ao mesmo tempo de serem obedientes a Igreja, eu acredito que Santa Teresa D'Ávila, a grande reformadora que foi no mosteiro das carmelitas, no nível da espiritualidade sobre tudo,

<sup>65</sup> Pode ser venerada, mas não foi incluída no catálogo dos santos.

no nível de uma vida espiritual... Os sete? São sete degraus para poder alcançar a alma no encontro da plenitude com o Senhor no qual ela chamava de esposo, ela, por exemplo, foi capaz de traçar uma linha de espiritualidade de alto nível, tanto é que se tornou doutora e são poucas a que a gente vê, assim como ela Catarina de Sena, também foi doutora, deixe eu ver outras... Pouca coisa sei de Clara de Assis, que na realidade, quem começou o trabalho de mendicância foi Clara de Assis e não Francisco, Clara era quem cuidava dos leprosos, foi ela que foi sensível a realidade e situação dos pobres. Acredito que a partir do testemunho de Clara, conduziu Francisco aos poucos a uma conversão de vida, agora ela também não é uma doutora, Santa Teresinha do Menino Jesus que não é doutora, mas pé uma grande santa, a santa das pequenas coisas, da vida simples, da vida escondida, mas que na realidade escreveu a sua biografia e deu assim... e é considerada missionária, mãe das missões, sem ter saído do mosteiro, tendo sua vida toda dentro do mosteiro e sei lá, por aquilo que a gente sabe viveu uma simplicidade de vida e através do seu exercício como pessoa, no sentido de melhorar, de buscar ser sempre mais irmã da outra dentro do mosteiro foi capaz de ser um exemplo de vida para outras pessoas e teve outras santas que eu não sei se não doutoras, tem uma das últimas, aquela judia, que se tornou doutora... Como é o nome? Elisabeth? Você conhece? ...É Edith Stein, realmente uma história muito bonita de uma judia, que consegue através de um caminho intelectual, pois primeiro era uma intelectual, era professora de filosofia, de uma grande reflexão, que entra também em um mosteiro e consegue um nível de despojamento, também de espiritualidade muito grande, muito profundo ao ponto de chegar também a dar a vida. Acredito que são alguns exemplos de mulheres como tantas outras que a Igreja faz pouca referência, mas que na realidade são exemplos de vida para nós (L, 42 anos, Ir).

Pode-se atribuir a devoção pessoal a inclusão de: Clara e Elena, entre as doutoras, mas mesmo entre as pessoas devotas de Teresinha registrou-se mais comentários sobre a vida de Edith Stein, que em seus trabalhos como professora ressaltava a natureza e a vocação da mulher. Como religiosa ela, em seus escritos antecipou questões que só foram levantadas no Concílio Vaticano II, tratou inclusive da questão do sacerdócio feminino,

Do ponto de vista dogmático, parece-me que nada existe que proíba à Igreja instaurar tão extraordinária novidade (o sacerdócio feminino). Pode-se, no entanto, invocar toda uma série de argumentos pró ou contra a utilidade prática dessa inovação (...) (STEIN, 1987, p. 173).

Stein morreu no ano de 1942 no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. E um filme assistido pelas pessoas entrevistadas, intitulado de “A sétima morada”, provavelmente influenciou suas respostas, mesmo a devoção por Teresinha sendo maior, a lembrança sobre fatos de sua vida é que não foi: “Já ouvi falar de Teresinha do Menino Jesus, não é essa aqui do Carmelo? Já ouvi falar alguma coisa sobre o trabalho dela, mas bem pouca coisa mesmo” (G, 27 anos, feminino). A participante tem nível superior e ensina na comunidade, o Convento das Carmelitas fica no bairro onde reside.

Sobre o título de doutora especificamente, quase nada foi apresentado: “Muito pouco, por exemplo, Santa Teresinha, sou devota dela, mas não conheço profundo a história dela, não vou dizer que sei, não sei por que receberam o título de doutoras da Igreja” (E, 60 anos, feminino). Esta participante também possui nível superior e já fez um curso de teologia, mas que não valeu como uma graduação.

A falta de conhecimento sobre o assunto entre as (os) participantes que responderam sobre as doutoras da Igreja, não está relacionada com a escolaridade nem com o conhecimento específicos; pois das onze pessoas, quatro haviam feito cursos de teologia e uma estava cursando. Tal postura pode ser apontada por se tratar das santas doutoras, mulheres, pois não foi questionado sobre o conhecimento que tinham sobre os santos doutores. E vale ressaltar que a falta de conhecimento sobre os assuntos abordados não se limitou apenas a esse fato.

Depois de um trabalho desse a gente toma consciência que não sabe muito, que é uma necessidade, que deve haver o compromisso de agente estar refletindo mais, estudando mais, ter mais conhecimento sobre a presença da mulher na instituição Igreja, que eu acho que ainda é uma das instituições que atuação da mulher está mais atrasada, porque enquanto educação vai dando pequenos passos, enquanto política vai dando passos, enquanto família bem pequenos passos, mas a Igreja ainda estar bem atrasada em reconhecer essa presença e atuação da mulher (J, 46 anos, Ir).

A maioria das fiéis católicas também não conhecem a Teologia Feminista e, na hora em que precisam de apoio para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia, as mulheres que recorrem à Igreja o fazem através dos templos, dos padres e de religiosas não envolvidas, na maioria das vezes com a Teologia Feminista.

Como resultado da educação recebida e, até mesmo, com receio de enfrentar a hierarquia ou de perder o lugar que ocupam, a maioria das religiosas prefere não incorporar os avanços do feminismo e da TF às suas vidas. Muitas acreditam, ainda, que o lugar da mulher na Igreja é o de ser auxiliar do sacerdote, como então aceitar uma teologia que contesta isso?

Atualmente, novos campos estão em construção a partir da TF, a Teologia Feminista Negra, Indígena, Lésbica, das Trabalhadoras do Campo e das Domésticas, todas com seus “objetivos específicos”<sup>66</sup> que são questionados na articulação com o Movimento Feminista. No Brasil, essas teologias ainda são pouco escritas, é uma dificuldade manter a reprodução e o crescimento da Teologia Feminista do Brasil como um todo.

A partir desses objetivos direcionados por dificuldades encontradas pelas mulheres, pode se afirmar que, assim como o feminismo, a TF é um campo difuso. Por outro lado, pode ser observado através dos escritos oficiais que a hierarquia não quer a princípio combater a Teologia Feminista, colocá-la à margem, mais do que isso, está a defesa do patriarcado ou governo do pai, receio de partilhar o poder, e de viver novas experiências do mesmo: um poder circular, sem distinções, como propõe a Teologia Feminista.

Até mesmo em um curso de teologia contando com as mulheres entre a maioria de seu alunado, a TF é desconhecida. A importância de buscar entendimento de como está sendo estudada a teologia na atualidade está voltada para o local onde se produz a teologia, enquanto disciplina; a teologia pertence aos acadêmicos, se no passado o lugar da teologia eram os mosteiros, hoje se encontra, predominantemente, nos seminários, colégios e universidades.

A questão apresentada foi se conheciam a TF e que justificassem suas respostas. O não gostar e o não quererem conhecer por parte de dois, que justificaram que a teologia não tem sexo, demonstrou que a abordagem de gênero não é utilizada no curso. Quatro depoentes afirmaram não conhecer e três responderam que conhecem pouco, como a seguinte informante:

Conheço muito pouco da teologia feminista para arriscar uma definição. Penso, contudo, que trata-se da reflexão racional sobre Deus à luz de uma leitura feminina que contempla a vida em todos os seus aspectos e dimensão de profundidade, mistério, ternura, aconchego, com os pés plantados na terra (A, 54 anos, AME).

As duas pessoas que arriscaram definir, como é o caso da citada, não fizeram relação com a influência do Movimento Feminista, não incorporando em suas respostas que o fazer teológico vigente é sobre uma ótica masculina, excluindo a atuação das mulheres, como por exemplo, do fazer teológico. Quando perguntadas (os) sobre a atuação da mulher na teologia hoje, responderam que há mais participação, sendo que dos sete, seis direcionaram suas

---

<sup>66</sup> Definição de Ivone Gebara

afirmativas para o Vaticano II como um momento de abertura para as mulheres na teologia. Vale ressaltar que a participante soube perceber que ter mais espaço não significou maior atuação: “A mulher hoje tem mais condição de frequentar a escola de teologia, mas não atuar como teóloga, a instituição Igreja sobrevive pelas mulheres, porém nas as dá o devido valor, por sua hierarquia machista e patriarcal desde os primórdios, que continua camuflada” (I, 58 anos).

Em muitos cursos de teologia, não só na Lumen Christi, a mulher é maioria como participante, não modificando a questão da produção teológica em números significativos, a aluna afirma uma realidade vivenciada e que já foi apontada, onde são poucas as professoras no curso, teólogas ainda menos. Apenas a teóloga Ivone Gebara foi exemplificada, quando solicitado nomes de teólogas que conheciam, mesmo assim foi mencionada como teóloga, e não como teóloga feminista.

Através das (os) alunas (os) do curso pesquisado, pode se inferir que continuam sendo negadas às fiéis católicas espaços de decisões também no fazer teológico; as novas teologias seja ela feminista da libertação ou outras, não têm modificado significativamente a Teologia tradicional, a mulher enquanto sujeito teológico ainda é pouco vislumbrada e a imagem tradicional da mulher na teologia ainda permanece, daí o questionamento: Tudo faz parte da construções para continuar garantindo a posse efetiva do poder sobre o sagrado e sobre a vida das pessoas?